

A biografia como fonte documental para pesquisas sobre história do jornalismo: impressões a partir de *Chatô, o rei do Brasil*

The biography as a documentary source for research on the history of journalism: prints from Chatô, o rei do Brasil

Gustavo Leite SOBRAL¹
Juliana BULHÕES²

Resumo

Apresentamos um estudo de caso sobre a biografia *Chatô, o rei do Brasil* (MORAIS, 1994) como parte de uma pesquisa sobre o uso de biografias, autobiografias e similares para a construção da história do jornalismo. Confrontamos a obra com a biografia escrita por Castello (2013) sobre Rubem Braga e com a autobiografia do jornalista Samuel Wainer (2005). A princípio, apresentamos o embasamento teórico em torno da biografia como fonte documental fidedigna para este propósito; em seguida, destacamos aspectos da vida profissional do jornalista presentes na biografia; na sequência, relacionamos a obra biográfica com a história do jornalismo. Por fim, apontamos a viabilidade das biografias como fonte documental para pesquisas sobre a história do jornalismo.

Palavras-chave: História do jornalismo. Biografias. Assis Chateaubriand.

Abstract

We present a case study on the biography *Chatô, o rei do Brasil* (MORAIS, 1994) as part of a survey on the use of biographies, autobiographies and similar to the construction of the history of journalism. In our approach we are confronted with the biography written by Castello (2013) about Rubem Braga and with the autobiography of the journalist Samuel Wainer (2005). At first, we present the theoretical framework around the biography as a trusted source document for this purpose; then we highlight aspects of professional life of the journalist present in the biography; following, we list the biographical work with the history of journalism. Finally, we point out the feasibility of the biographies as a documentary source for research on the history of journalism.

Keywords: History of journalism. Biographies. Assis Chateaubriand.

¹ Mestre em Estudos da Mídia (PPgEM-UFRN). E-mail: gustavosobral1041@gmail.com

² Doutoranda em Comunicação (UnB). E-mail: julianabulhoes.ad@gmail.com

Introdução

Nossa pesquisa objetiva construir um mapa da prática jornalística brasileira. O mapeamento tem como base as biografias, autobiografias e documentos similares, quais sejam livros de memórias, livros que relatam experiências, dentre outros, relacionados às trajetórias de jornalistas brasileiros; tais obras podem revelar aspectos da atividade da imprensa no que tange às práticas profissionais (AUTORES, 2016).

Da amostragem inicial, que conta com 84 obras sobre jornalistas brasileiros, selecionamos para um estudo de caso a biografia *Chatô, o rei do Brasil* (MORAIS, 1994), autoria do jornalista Fernando de Moraes, que se debruça sobre a vida do jornalista Assis Chateaubriand (1892-1968).

O conteúdo biográfico revela aspectos relacionados à vida profissional do biografado que, quando posto em contexto, também reconstrói o cenário da imprensa da época em que viveu. Chatô, como era conhecido, foi proprietário do maior império de veículos de comunicação, os Diários Associados, que compreenderam noventa empresas, dentre elas jornais, estações de rádio e televisão, revistas e agência de propaganda.

Na obra, se faz presente os veículos em que o jornalista atuou, as funções que exerceu, a jornada de trabalho, etc. Aspectos que denotem a relação do biografado com o jornalismo, que compreendem a escolha profissional, a importância da profissão na vida do biografado, dados sobre a experiência profissional, dentre outros, relevantes para a história do jornalismo.

Esta perspectiva suscita um debate significativo sobre as práticas jornalísticas, pois fornece dados para a construção de um arcabouço teórico acerca da profissão, já que detalha em profundidade os acontecimentos da época em que viveu Assis Chateaubriand, uma das figuras mais icônicas de sua época e até hoje mencionado como um dos mais importantes brasileiros do último século, principalmente por ter sido pioneiro na televisão do país.

Além disso, de *Chatô, o rei do Brasil* foram publicadas pelo menos treze edições, sem contar as reimpressões. Até o ano de 2004, o livro vendeu mais de 225 mil

exemplares (UOL, 2004). A obra recentemente se transformou em filme homônimo *Chatô, o Rei do Brasil* (Brasil, 2015, 102 minutos).

Importante também registrar algumas considerações acerca da forma como o livro foi composto e como o texto está dividido antes de adentrarmos nos aspectos relacionados ao jornalismo.

Abre o livro uma série de fotografias em que Chatô aparece com figuras de destaque e renome do cenário político brasileiro e internacional: ministros, reis, ditadores, políticos etc. Curiosamente, o álbum de fotos final revela Chatô e as mulheres: são atrizes, socialites, milionárias e até uma índia. Personas do circuito nacional e internacional, em diversas ocasiões. Não há índice. O livro é dividido em capítulos numerados, 37 ao total, além de epílogo, agradecimentos, lista dos nomes dos entrevistados, bibliografia, créditos das ilustrações e índice onomástico.

Fernando de Moraes, o jornalista autor da biografia, se valeu de recursos literários, sobretudo no primeiro capítulo, quando retrata um sonho do biografado: Chatô e a filha Tereza na foz de um rio comiam carne de bispos portugueses, como fizeram os índios no século XVI. O livro foi escrito com a ajuda de jornalistas e de pesquisadores colaboradores nas etapas de pesquisa e entrevista, como consta nos agradecimentos. O autor recebeu uma bolsa pelo Programa do Artista Residente da Unicamp.

Não se trata de uma biografia de louvação da personagem biografada, mas impressa com cargas do realismo – e imaginação, ao que parece – o autor consegue antever o que por último pensou o biografado quando estava em coma e recompor a cena a beira da cama do moribundo, por exemplo. Como pano de fundo está a história do jornalismo e do Brasil na primeira metade do século XX. Complementarmente confrontamos a obra com a biografia escrita por Castello (2013) sobre Rubem Braga e com a autobiografia do jornalista Samuel Wainer (2005).

Biografia, fonte documental fidedigna

Segundo Vilas-Boas (2002), a biografia é um gênero literário transdisciplinar e a autobiografia é um trabalho autoral e, quando realizadas por jornalistas, constituem-se em narrativas jornalísticas impressas não periódicas. Ao que pese, a existência de

poucos estudos sobre biografias e a ausência de um campo metodológico-teórico próprio para o seu estudo e abordagem, a biografia é comumente tratada como gênero literário de não-ficção, por isso, pertence ao campo da literatura e se situa entre o jornalismo e a literatura.

Assim, o jornalismo considera a biografia pertencente ao campo do jornalismo literário. No que pese ser uma narrativa literária, é considerada texto e, por ser texto, é um conjunto de informações que se apresenta como um reunião de fatos que fixam o biografado no seu tempo. A biografia é, portanto, uma reunião de informações factuais e acontecimentos compilados.

Vilas-Boas (2008) procura alcançar um conceito para biografia considerando-a a vida de uma pessoa narrada com arte por outra pessoa. Para as suas considerações a respeito – procurando suportes metodológicos e teóricos que dêem conta de explicar o fenômeno e compreendê-lo –, busca outras disciplinas e dispõe de hipóteses e argumentos do próprio jornalismo, considerando que o *modus operandi* da escrita biográfica agrega os elementos do *new journalism*³. Os recursos literários utilizados na narrativa referem-se à construção cena a cena, diálogo, alternância de foco narrativo e reconstituição minuciosa; e da *creative non fiction*⁴, conhecida como literatura da realidade, cujos pilares são os da literatura de não-ficção: precisão, verossimilhança e ética.

A Nova História, associada à Escola dos Anais, também é uma corrente que pode trazer contribuições para a problematização do estudo das biografias, “por seu interesse primordial no detalhe tanto quanto no essencial; na clareza tanto quanto na substância; no registro não-oficial tanto quanto no documento; na covardia tanto quanto na grandeza” (VILAS-BOAS, 2002, p. 69).

Vilas-Boas (2002) considera a visão da Nova História compatível com a proposta da narrativa biográfica tanto quanto a narrativa jornalística proposta para o livro-reportagem. O livro-reportagem é aquele que reúne uma gama de fatos, oriundos das fontes mais diversas e fruto do trabalho jornalístico de apuração que envolve uma série de procedimentos como pesquisa documental, entrevistas e análise (BELO, 2006).

³ Também conhecido como novo jornalismo, é um estilo que emprega características literárias ao texto jornalístico, uma prática que teve início nas redações dos Estados Unidos na década de 1960.

⁴ A literatura de realidade tem em seu estilo narrativas factualmente precisas.

A própria construção passo a passo de uma biografia-livro-reportagem reúne todos os elementos imprescindíveis que a tornam fonte documental pelos elementos que reúne em sua elaboração. A consulta bibliográfica se torna imprescindível para compreender o momento histórico em que vivia o biografado, quais fatos políticos, sociais e econômicos marcaram o seu tempo, portanto, a biografia sempre é uma história narrada em contexto. Os depoimentos orais também são fonte essenciais para a elaboração das biografias. Os textos publicados nos jornais também são considerados matéria essencial para pesquisa.

Segundo Vilas-Boas (2002), as fontes de um biógrafo são idênticas a de um historiador ou de um jornalista investigativo, quais sejam: documentos, correspondência, fotografias, diários, entrevistas, que podem ser classificadas em fontes primárias e fontes secundárias. As fontes primárias compreendem os documentos, as cartas, diários, autobiografias; as secundárias são os depoimentos e as entrevistas. São considerados documentos as certidões de nascimento, casamento e óbito, certificados e títulos, diplomas, atas de reunião, discursos, relatórios médicos, textos de jornais e revistas, filmes e documentários, livros escritos pelo biografado, diários, caderno de anotações, etc.

A variedade é considerável. “Fernando de Moraes declarou ter lido mais de dez mil artigos sobre Assis Chateaubriand, dos quais extraiu notas, possíveis entrevistados e outras referências para o andamento da pesquisa” (VILAS-BOAS, 2002, p. 56). As autobiografias também são consideradas documentos históricos por serem fontes da escrita do eu, mesmo caso em que se devem enquadrar as memórias. No que tange às fontes secundárias, a entrevista e o depoimento podem revelar fatos vividos pelo biografado em depoimentos de familiares, amigos, colegas de trabalho, todos aqueles que conviveram com o biografado. Portanto, a biografia assume a posição de fonte documental para revelar aspectos da vida profissional do biografado e das suas relações de trabalho.

Chatô: aspectos da vida profissional do biografado

A profissão é o fio que permeia esta biografia. No princípio do texto, o primeiro referente (termo referencial) que o autor usa em substituição ao nome do biografado, é a

sua atividade, “jornalista” (MORAIS, 1994, p. 13), portanto, a atividade preponderante dentre os tantos papéis desempenhados pelo biografado durante toda a vida. O jornalista conservava um ritual diário de escrever à mão o artigo do dia seguinte que enviava de onde estivesse, datando do local onde se encontrasse, louvava a sua importância e autoridade como diretor dos Diários Associados, chegando a exaltar que “eu nunca carreguei um documento em toda minha vida! Sou Assis Chateaubriand, embaixador do Brasil na Inglaterra e diretor dos Diários Associados” (MORAIS, 1994, p. 21).

Outros aspectos revelam as posições assumidas pelo biografado sobre temas caros aos jornalismo, no que tange a liberdade de imprensa – e levando em consideração que, além de articulista, era proprietário de veículos de comunicação, então que empregava jornalistas – que Assis Chateaubriand entendia que os jornais podiam defender posição opostas a do seu proprietário, mas no entanto, revela o biógrafo, este posicionamento não se via na prática. Em momentos diversos de sua vida, o biografado manifestou-se de forma contrária, pois chegou a declarar a um dos seus repórteres, o repórter David Nasser, em determinada ocasião, quem quisesse ter opinião que comprasse a sua própria revista. O biógrafo revela esta faceta contraditória do biografado e demonstra como era abismal as declarações públicas do biografado e as suas atitudes.

O interesse do biografado pelo jornalismo, o biógrafo atribui ao fascínio que o despertou a redação e a oficina do *Jornal Pequeno*, editado em Recife, no começo do século XX. O primeiro emprego em jornal, aos 15 anos de idade, foi no *Gazeta do Norte*, na mesma cidade, recém-fundado, corria o ano de 1906. Suas credencias foram: a caderneta escolar, saber um pouco de francês, alemão e filosofia, e a coleção de artigos escritor por Carlos Laet. Começou assim a carreira como redator de anúncios classificados conhecidos por “manteigas” deste jornal vespertino. Depois passou a redigir notinhas e cartas.

Os jornais aquele tempo eram veículos partidários de políticos e governos e fundados com o propósito de apoiar a estes ou aqueles, contextualiza o biógrafo. As primeiras dificuldades se apresentam, retrata o biógrafo as condições de trabalho: salários atrasados e a pouca experiência que impedia Chatô de pleitear um novo emprego nos grandes jornais da cidade, também não adiantava procurar os pequenos, pois não pagavam um salário decente a quem quer que fosse.

Desde o princípio é relatado que Chatô assumia o jornalismo como uma vocação, era a carreira que escolheu seguir. Completa o seu aprendizado, assevera o biógrafo, a leitura dos grandes articulistas da época que publicavam nos jornais, inclusive recortava e guardava os textos que lia:

Leu tudo o que escreveram os mais importantes nomes da imprensa de Pernambuco e do Sul (...). Aos poucos foi adquirindo, com aqueles autores, a convicção de que, mesmo em um ensaio publicado num jornal diário, o raciocínio transformado em argumento era muito mais sólido que o mais contundente adjetivo (MORAIS, 1994, p. 54).

O biógrafo procura traçar a peregrinação e as dificuldades que o biografado enfrentou no início da carreira, as penosas condições de trabalho e os baixos salários e, contraditoriamente, por outro lado, a exigência de uma formação humanística para exercer a profissão, levando-o a concluir que o jornalismo para Assis Chateaubriand só poderia ser uma completa vocação.

Chatô passa por outros jornais do Recife. Consegue emprego no jornal *O Pernambuco* a convite de um amigo de seu pai, na condição de aprendiz. Receberia salário, mas conforme revelasse o talento poderia ser promovido. Seu nome, no entanto, não apareceria na primeira edição do jornal, infelizmente, expediente utilizado para informar ao público que aqueles nomes eram credenciados a agir em nome do jornal para apuração de qualquer notícia aonde quer que fosse.

A instabilidade da profissão e os baixos salários levaram-no à Faculdade de Direito em busca de estabilidade, no entanto, com o passar do tempo a sedução e a vocação para a atividade do jornalismo conquistaram-no cada vez mais. Naquele tempo, os jornais detinham-se muito mais à publicação de polêmicas do que às notícias, e jornalista que quisesse fazer carreira como repórter ou grande editor teria que entrar em alguma polemica, na qual, revelaria seu estilo e poder de argumentação.

Assim, o biografado rompe o ciclo que o relegaria a mero funcionário obscuro de jornal e se começa a forjar o grande jornalista que nasceria e se tornaria proprietário de um império de comunicação. O segredo, segundo o biógrafo, estava na perseverança e audácia daquele homem. Chatô enfrenta a sua primeira polêmica pelos jornais e projeta seu nome no jornalismo. Se meteu em uma entre Silvio Romero e José Veríssimo. A polêmica lhe trouxe prestígio também no meio intelectual. O resultado

veio rápido, ganhou o posto de redator do *Diário de Pernambuco* com salário de cem mil reis. Mas nem tudo era glamour. Aos dezessete anos, assinava coluna mensal de questões filológicas e à noite escrevia os artigos de fundo para o *Diário de Pernambuco* e *Jornal Pequeno*. Como dominava francês e alemão era sempre destacado para realizar entrevista e cobrir eventos com personalidades internacionais.

Jornalista no começo do século XX era aquele que também assumia posição em momentos de crise política e, por isso, sofria as vezes com as mudanças políticas e os momentos de instabilidade. Neste período foi preso, e também o seria futuramente, pelas mesmas razões, perdeu o emprego e, para sustentar a família, mãe e os irmãos, o pai morto, conseguiu emprego a 50 mil reis como correspondente em Recife de *O Jornal* de São Luís do Maranhão e arrumou bico de professor particular. No entanto, revela o biógrafo, exercício da atividade lhe proporcionou algumas experiências notáveis, como acompanhar temporadas de teatro e ópera quando destacado para fazer a cobertura destes eventos e voar no avião do francês Lucien Deneau, sobre o qual fez uma série de reportagens. No entanto, a instabilidade da profissão levou-o diversas vezes a procurar alternativa no exercício da advocacia e do ensino, e também por isso, prestou concurso para uma cátedra da faculdade de Direito.

Pelas posições políticas adotadas no exercício da profissão, também amezalhou processos judiciais movidos pelos que se sentiam atingidos. Certa vez, se sentiu ofendido por ter sido desautorizado pelos donos do jornal, por terem passado por cima da sua ordem, como redator-chefe e diretor de redação, de não aceitar a publicação de uma carta e, por isso, pediu demissão. Também por sua posição em polêmicas e por ter sido personagem central de uma disputa política amplamente noticiada pelos jornais, foi massacrado por jornais e jornalistas, como João do Rio nas colunas que este escrevia nos jornais cariocas para a *Gazeta de Notícias* e *Rio Jornal*, ambos do Rio de Janeiro. E Olavo Bilac que chamou-o de talentoso publicista.

Decidiu se mudar para o Rio de Janeiro aos 25 anos de idade, foi trabalhar com a advocacia enquanto movia-o o desejo de ter o próprio jornal. A advocacia trocou pela direção do *Jornal do Brasil*, para o qual foi convidado. Promoveu diversas mudanças no jornal no cargo de diretor e chegava a trabalhar todos os dias até a madrugada. Neste período conheceu personalidades do jornalismo, como Júlio Mesquita de *O Estado de S. Paulo*. Assumiu a função de correspondente na Alemanha do *Correio da Manhã* em

1919. Enviaria dois artigos semanais e a cada dez dias uma longa entrevista era publicada. O contexto dos correspondentes aquele tempo era um salário para se manter com dignidade. O método de trabalho era a carta de recomendação, as entrevistas eram precedidas de descrição do local e publicada em duas páginas. E sofria ataques, João do Rio o acusava em sua coluna de ser um agente do soldo de Berlim.

Em 1920, era redator-chefe do *Jornal do Brasil* por um breve período, retomando a advocacia com pretensões de juntar um capital monetário para comprar o seu próprio jornal. Aos 32 anos comprou *O Jornal* com as suas economias e angariando com empresários participação em dinheiro para a compra, a título de ações. No seu jornal, montou uma equipe com os melhores jornalistas e convidou para articulistas personalidades de destaque nacional. Instituiu um departamento de propaganda para angariar anúncios, substituiu os artigos de fundo pela reportagem (observou que a reportagem fazia sucesso na imprensa norte-americana) e começou com as campanhas em prol de alguma causa.

Este foi o princípio da sua cadeia de comunicação que em 1931 passou a incluir uma agência de notícias. Do que mais se orgulhava era de ser “repórter” e para os seus jornais contratava os melhores jornalistas que encontrava. Rubem Braga, Joel Silveira, Carlos Lacerda, Samuel Wainer, Millôr Fernandes e tantos outros nomes do jornalismo trabalharam nos seus Diários Associados.

Na sua coluna diária, praticava a polêmicas atacando adversários, muitas vezes com insultos e ofensas. O biógrafo revela que o biografado sempre foi um homem audacioso e investiu na melhora das suas publicações não só procurando se cercar do melhor time de jornalistas a que tivesse alcance, mas também investindo sempre na modernização do parque gráfico, adquirindo para os seus jornais e revistas os equipamentos e maquinário mais avançados.

Chatô, biografias (autobiografias) e jornalismo

Torna-se relevante observar que, de forma transversal, também se pode considerar a biografia *Chatô, o rei do Brasil*, de Fernando de Moraes, capítulo da biografia de outros jornalistas brasileiros que transitaram pelos Diários Associados. Dentre os jornalistas retratados, destacamos dois deles para exposição dos apontamentos

biográficos relatados por Fernando de Moraes em *Chatô*, são eles os jornalistas Rubem Braga e Samuel Wainer. Há duas biografias existentes sobre o jornalista Rubem Braga, ambas cujos autores são também jornalistas, uma delas, escrita de forma convencional por Carvalho (2007) e outra por Castello (2013) que propõe um novo formato, uma biografia em forma de dicionário onde a vida do jornalista e cronista Rubem Braga é distribuída por temas, cada tema um verbete, cada verbete corresponde a um capítulo.

Jornalismo é um dos verbetes e nele consta um breve resumo da trajetória de Rubem Braga pela imprensa. É a este capítulo que vamos nos deter para observar os fatos elencados por Castello (2013) que vamos confrontar com os episódios narrados por Moraes (1994) acerca de Rubem Braga na biografia *Chatô*.

Castello (2013), no seu texto, recupera um Rubem Braga (1913-1990) que considerava a sua relação com a imprensa conflituosa. Braga começou nos jornais em 1928, escrevendo crônicas para o *Correio do Sul*, jornal de sua cidade, Cachoeiro de Itapemirim, Minas Gerais. No ano seguinte, ingressou no curso de Direito, no Rio de Janeiro; em 1932 está em Belo Horizonte trabalhando no *Diário da Tarde* de Belo Horizonte, quando começa a atuar definitivamente como repórter escalado para cobrir uma exposição sobre cães de raça.

Em 1934, já está em São Paulo e procura o diretor dos Diários Associados, Assis Chateaubriand, para pedir emprego. É contratado para trabalhar no *Diário de S. Paulo*; depois vai para o *Diário da Noite* e passa a publicar crônicas em *O Jornal* no Rio de Janeiro. Rubem Braga aparece na biografia de Assis Chateaubriand como repórter do jornal *Estado de Minas* que pertencia a cadeia dos Diários Associados: “[Assis Chateaubriand] Ligou para Belo Horizonte dando ordens para que fosse mandado para a frente sul, na boca do túnel situado na cidade de Passa Quatro, o repórter Rubem Braga, do Estado de Minas, cujo texto cuidadoso e cheio de estilo ele já elogiara publicamente algumas vezes” (MORAIS, 1994, p. 283).

Acredita-se que os fatos vivenciados por Rubem Braga e a sua relação com Assis Chateaubriand tenham sido narrados pelo próprio jornalista Rubem Braga ao biógrafo Fernando de Moraes, pois Braga figura na lista dos entrevistados. Alguns dos episódios servem ao biógrafo como elemento construtivo da personalidade controversa, as práticas de trabalho e relação com os funcionários usuais de Assis Chateaubriand.

Rubem Braga foi testemunha de vários episódios que retratam as práticas profissionais endossadas pelo chefe. Uma delas, que consta na biografia, é o caso de um misterioso funcionário do *Diário da Noite* que chegava todos os dias aos jornais bem cedo sentava lia os jornais e apenas. Depois se vieram descobrir que fora um carcereiro de Chatô durante as prisões a que foi submetido na Revolução de 1932 a quem, em troca de um favor, Chatô não só prometera como cumprira, um emprego nos seus jornais. Em outra ocasião, na sala do patrão, aonde fora chamado, Rubem Braga viu uma figura feminina deslumbrante, era a argentina Cora com quem Chateaubriand viveria um romance. Segundo o biógrafo Fernando Morais, Braga arriscou uma olhada discreta para a moça, ao que o patrão percebendo, retrucou: “– pode desistir, seu Braga, pode desistir. Isto é mulher cara, não é mulher pro seu salário, não...” (MORAIS, 1994, p. 324).

Rubem Braga é retratado por Morais (1994) como um jornalista provocador. Anteriormente, ainda no tempo em que trabalha no *Diário da Tarde* de Belo Horizonte, Braga havia escrito um artigo que foi considerado pela Igreja desrespeitoso. Chateaubriand conseguiu, na ocasião, contornar. O mesmo motivo levaria a sua saída dos Diários Associados. O crítico Alceu de Amoroso Lima pediu ao jornalista Assis Chateaubriand a demissão do repórter, história que está narrada nos seus pormenores na biografia de Assis Chateaubriand. Braga havia escrito mais uma vez um texto criticando a Igreja. Alceu Amoroso Lima comunicou que se Braga não fosse demitido, ele retiraria a sua coluna de O Jornal. Rubem Braga, deu o troco a Chateaubriand aproveitando as agressões do ex-patrão em seus artigos diários a Luís Carlos Prestes, da ANL, Rubem Braga foi o primeiro a peitar nos jornais Chateaubriand enviando um artigo a ser publicado em *A Manhã*.

No Diário de Pernambuco, o repórter Rubem Braga assumiu a página policial e resolveu noticiar um suicídio. Episódios que revelam não só como funcionava a contratação e demissão nos jornais no tempo de Braga como também revela o anedotário que cerca a vida dos grandes repórteres. Desta vez é o seu biógrafo quem escreve:

O centenário jornal pernambucano estampa então, pela primeira vez em sua história, a notícia de um suicídio – tema absolutamente proscrito até ali. ‘Quem era afinal esse suicida?’, um amigo, muitos

anos depois, quer saber. ‘Bem, eu não podia publicar qualquer suicídio’, responde. ‘Esperei, então, aparecer um suicídio mais bonitinho’. Entre dezenas de suicídios de miseráveis, Braga simplesmente esperou que uma linha loura se matasse para publicar a notícia pioneira (CASTELLO, 2013, p. 99).

A história de Rubem Braga pelos jornais tem capítulos na *Folha do Povo* (em 1935, do qual foi um dos fundadores) e *A Manhã*; também tem passagem pela revista *Diretrizes*, onde conviveu e brigou com Samuel Wainer, fundador da revista; e na cobertura da Segunda Guerra no front, na Itália, a serviço do *Diário Carioca*; como correspondente do *Correio da Manhã* em Paris, nos anos 1950; e na editoria do jornal *O Comício* com o jornalista Joel Silveira. Depois disso, definitivamente cronista colaborando com revistas e jornais como a revista *Manchete* e *O Estado de S. Paulo*. Castello (2013) é sucinto ao retratar a passagem de Rubem Braga pela imprensa que, confrontada com a narrativa de Morais (1994), traz novas luzes para a atuação profissional do repórter nos Diários Associados, sua postura profissional e as contingências da profissão.

Já Samuel Wainer aparece em *Chatô* como repórter de *O Jornal* em 1947, após vender a revista *Diretrizes*. Wainer acabava de retornar de uma viagem de dois anos pela Europa, onde fora como enviado especial para cobrir o tribunal de Nuremberg. Embora, e Morais (1994) atribui a palavras do próprio Wainer, Wainer afirmar que a perspectiva de trabalhar para Chateaubriand o repugnasse, aceitou porque almejava ter experiência de trabalho em um jornal diário. Contratado, ainda segundo o biógrafo de Chatô, por um salário astronômico de 20 mil cruzeiros por mês, passou a cobrir de tudo e em especial à questão do petróleo em solo brasileiro.

Em 1949, Chateaubriand o chama em seu escritório e lhe apresenta uma missão especial: realizar uma série de reportagens que combatessem a opção dos agricultores do sul em cultivar o trigo e que, estando no Sul, lhe viera a ideia de uma entrevista com Getúlio Vargas – que vivia uma espécie de exílio na sua Fazenda em São Borja. Assim, segundo Morais (1994), Wainer expõe o fato na sua autobiografia. No entanto, a versão é contestada pelos seus colegas da direção do jornal a época, conforme constatou o biógrafo. Morais (1994) apurou que Chateaubriand enviara Wainer especialmente para entrevistas o ex-presidente Getúlio Vargas. E a viagem sobre o trigo funcionara apenas como pretexto.

Quatro anos depois, segundo Moraes (1994), Chateaubriand publica um artigo esclarecendo a história na sua visão (fato que, assegura Moraes não foi desmentido nem por Wainer nem por Vargas e escrito numa circunstância mencionada: Chatô e Wainer estavam rompidos) de que o repórter fora enviado por ele. A reportagem de Wainer foi o fato político mais importante daquele ano, considera o biógrafo. Moraes (1994) utiliza a autobiografia póstuma de Wainer (2005), *Minha razão de viver*, como fonte documental para relatar a relação do repórter com o seu biografado, ao mesmo tempo, confrontou os dados com os outros depoimentos e testemunhos dos seus entrevistados.

A respeito disso destacamos que a autobiografia e as memórias, segundo Vilas-Boas (2002), são fontes primárias importantes para o trabalho do biógrafo e devem ser consideradas com ressalvas pois “podem omitir mais do que revelar, idealizar mais do que relatar. Podem ainda evidenciar contradições quando confrontadas com testemunhos orais colhidos em entrevistas ou mesmo em outros documentos impressos” (VILAS-BOAS, 2002, p. 59).

Samuel Wainer passou três anos nos Diários Associados, inclusive, registra Moraes (1994), Chatô arcou com o tratamento contra a tuberculose de Wainer e continuou com o pagamento do salário do repórter. As relações eram cordiais, segundo Moraes (1994), que informa: “nos arquivos do dono dos Associados ficaram bilhetes igualmente fraternos que ele recebia daquele que se transformara em seu repórter de maior sucesso” (MORAIS, 1994, p. 513) e que, por isso, foi escalado para acompanhar o candidato Getúlio Vargas durante as eleições para presidência da república. O que aproximou o repórter do presidente e o que levou ao rompimento de Chatô com Wainer.

Só por um momento o repórter se afastou da cobertura do candidato para os Associados, foi, a pedido do chefe, para entrevistar o governador de São Paulo, Ademar de Barros. A entrevista aconteceu no avião de Barros e custou 300 mil cruzeiros, preço cobrado por Chatô com um quinhão no valor de 20% destinado ao repórter. As memórias de Wainer (2005) servem para ilustrar o episódio, ele conta que o patrão não gostou nada daquilo porque não costumava a dividir este tipo de lucro com os funcionários. Com o dinheiro Wainer comprou um apartamento na avenida Atlântica para ex-mulher. Episódio que retrata bem algumas práticas usuais do jornalista Assis Chateaubriand e a posição ética de alguns dos seus repórteres.

A vitória de Getúlio gerou uma expectativa em Wainer, fato endossado por Morais (1994) e que está na autobiografia de Wainer, de ser promovido a diretor do Diários Associados, no entanto, Chatô lhe ofereceu a diretoria de uma das empresas do conglomerado o que decepcionou o repórter e o fez romper definitivamente com o patrão.

Outro episódio marcante relatado por Morais (1994) acerca de Wainer refere-se à reportagem publicada pela Tribuna da Imprensa de Carlos Lacerda denunciando que o *Última Hora*, jornal de Samuel Wainer, fora financiado, prédio, maquinário e até o papel para impressão do jornal, pelo Banco do Brasil em decorrência de intimidade de Wainer com o presidente Getúlio Vargas. Campanha que ganhou adesão dos Diários Associados de Chateaubriand, que não via o crescimento vertiginoso e incômodo do *Última Hora* com bons olhos. Chatô destacou seu melhor repórter para cobrir o caso. Não adiantara as defesas de Wainer pelas páginas dos seus jornais, os ataques foram vilipendiosos, ataques a que Wainer atribuiu em sua autobiografia aos interesses difusos dos dois jornalistas. Chatô queria acabar com a concorrência e Lacerda queria atingir o presidente Getúlio Vargas.

Considerações finais

Apresentamos aqui um estudo de caso sobre a biografia *Chatô, o rei do Brasil*, de autoria do jornalista Fernando de Morais, a qual confrontamos com a biografia escrita por Castello (2013) sobre Rubem Braga e com a autobiografia do jornalista Samuel Wainer (2005). O recorte aqui apresentado figura compondo uma pesquisa sobre o uso de biografias, autobiografias e similares na construção da história do jornalismo (AUTORES, 2016). Destacamos, assim, a viabilidade e importância da utilização das biografias como fontes documentais em pesquisas sobre história do jornalismo.

Destacamos também a importância desta biografia como fonte plural para contar a história não só de Assis Chateaubriand, mas de outros jornalistas que passaram pelas redações dos jornais ligados às suas empresas e que conviveram com ele, com destaques, neste artigo, a dois jornalistas que escolhemos para confrontar a partir da

biografia de Rubem Braga (CASTELLO, 2013) e a autobiografia de Samuel Wainer (2005).

Além disso, podemos inferir o valor desta biografia como fonte documental para a história de outros jornalistas – há a presença em diversas passagens da atuação profissional de Carlos Lacerda, Joel Silveira, entre outros – e mais, como maneira de confrontarmos com fontes primárias, como foi o caso da entrevista de Wainer com Getúlio Vargas, em que Wainer conta uma versão na sua autobiografia e Fernando de Moraes apurou outra na biografia *Chatô*. O que permite considerar que possamos não só colher em biografias dados autobiográficos, mas confrontar versões de fatos e momentos vividos nas redações dos jornais, comprovando então a nossa proposta de que as biografias e autobiografias dos jornalistas são essenciais para compreender as práticas profissionais e contar a história do jornalismo brasileiro.

Referências

AUTORES, 2016.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

CARVALHO, Marco Antônio de. **Rubem Braga**: um cigano fazendeiro do ar. Rio de Janeiro: Globo, 2007.

CASTELLO, José. **Na cobertura de Rubem Braga**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

MORAIS, Fernando. **Chatô**: o rei do Brasil. A vida de Assis Chateaubriand. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

UOL. **Para Moraes, "liberdade é ilimitada"**. Publicado em 05 dez. 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0512200407.htm>>. Acesso em 28 jun. 2016.

VILAS-BOAS, Sérgio. **Biografias & biógrafos**: jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.

VILAS-BOAS, Sérgio. **Biografismos**: reflexões sobre as escritas de vida. São Paulo: Unesp, 2008.

WAINER, Samuel. **Minha razão de viver**: memórias de um repórter. Org. e ed. Augusto Nunes. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.